

“Palavril”, conjugação de Palavra-Abril, é o nome da chaimite que, desde o dia 1 de Abril, está exposta junto ao edifício mais recente da Assembleia da República, em Lisboa, numa homenagem ao 25 de Abril de 1974.



o ícone de uma *Chaimite*
na Assembleia da República

O texto que aí fica reproduz as palavras que proferi, na Assembleia da República, na passada sexta-feira, dia 4, na abertura da exposição Cinquenta Anos a Fazer P.Arte, de António Colaço.

Estudante em Roma, fui à Basílica de São Pedro muitas, muitas vezes, só para ver a *Pietà*. De um bloco de mármore, Miguel Ângelo arrancou a *Pietà*, que nos comove, e, imóveis, olhamos e olhamos... e contemplamos... o que lá está: a dor, a compaixão de uma mãe com o filho morto nos braços, toda a ternura compassiva do mundo, e mais e mais... E nunca nos cansamos de olhar. Aquele mármore é sempre mais do que mármore... foi transfigurado, transfigurou-se.

Em Amesterdão, contemplei as célebres *Botas* de Van Gogh. Ninguém as pode calçar. Para que servem? Mas são as botas mais caras do mundo. O que está lá? Todos os caminhos dos homens e das mulheres... as suas dores e sofrimentos, os seus sonhos e esperanças... infinitamente.

O artista, grávido de mundos, vê o que outros não vêem e ensina a ver o que se vê, sempre mais do aquilo que se vê. A arte é símbolo: uma presença que aponta para lá, sempre mais para lá, para uma ausência presente, para a transcendência... na coincidência.

Nestes *Cinquenta Anos a Fazer P.Arte* de António Colaço, o que há é todo o seu percurso de mostrar o

que só o artista vê. Ele há uma terrina com furos e com máscaras: afinal, um escorredor de almas... Ofereceu-ma, e eu vi a força de um confessor, na sua força de salvação e alívio na reconciliação. Ele há uma oliveira que ardeu e que é um Cristo crucificado, a suplicar a libertação da tragédia dos incêndios... e tantas outras tragédias também. Ele há uma tigela, que é outra coisa... também há tijolos... e isso tudo é símbolo de uma reconstrução de alguém que passa por um AVC.

Ele há..., ele há..., ele há 50 anos de António Colaço a fazer-se, fazendo arte com muitas artes, transfigurando, e ensinando a ver o que se vê, mas, distraídos, não vemos.

Tudo sob o ícone de uma Chaimite, agora desmilitarizada e obra de arte, símbolo da liberdade. Daí o nome da exposição: *Palavril* (libertação da palavra em Abril). Na Assembleia da República, a Casa da Democracia. Daqui, em liberdade, se luta pela igualdade radical e pela fraternidade concreta. Um Evangelho: notícia boa e felicitante, como diz o étimo grego da palavra. A utopia, a realizar, de um mundo outro, um mundo outro possível e urgente.

Aqui chegados, impõe-se uma

palavra sobre a relação complexa entre política, ética e estética.

Quando comparamos o ser humano e os outros animais, notamos que a linguagem duplamente articulada é característica decisiva dos humanos. Já no século XVIII se deu essa compreensão, pois encontramos inclusivamente caricaturas com um missionário no meio da selva africana dizendo a um macaco: "Fala, e eu baptizo-te." Se falasse, era humano. Evidentemente, esta fala refere-se ao que é próprio do ser humano: dupla articulação da linguagem.

Pela palavra, abrimo-nos ao mundo e o mundo abre-se a nós. Falando, damos razão disto ou daquilo, argumentamos, comprometemo-nos, formamos comunidade. Sendo a razão humana linguisticizada, só podemos compreender-nos a nós próprios em corpo, com outros e na história.

O homem, pelo facto de ser *zôon lógon échon*, animal que tem *logos* (razão e linguagem), é também *zôon politikón*, animal social, político, diferentemente do animal, que é gregário, e a razão disso é a palavra, como bem viu Aristóteles, na *Política*: "A razão de o homem ser um ser social, mais do que qualquer abelha e qualquer outro animal gregário, é clara. Só o homem, entre os animais, possui a palavra." E continua: "A voz é uma

indicação da dor e do prazer; por isso, têm-na também os outros animais. Pelo contrário, a palavra existe para manifestar o conveniente e o inconveniente bem como o justo e o injusto. E isto é o próprio dos humanos face aos outros animais: possuir, de modo exclusivo, o sentido do bem e do mal, do justo e do injusto e das demais apreciações. A participação comunitária nestas funda a casa familiar e a cidade."

A linguagem humana não se reduz à expressão emotiva do prazer e do desprazer. É capaz de fazer juízos morais, de distinguir o bem e o mal, o justo e o injusto, partilhar e debater publicamente estas apreciações. Deste modo, a linguagem está na base da ética e funda eticamente a pólis (a cidade, no sentido da vida política).

O que é que isto quer dizer? A política tem de assentar em valores, valores éticos, e espera-se que os políticos sejam éticos. Mas, precisamente aqui, começa o paradoxo. Se fôssemos todos éticos, moralmente bons, não era necessária a política. Mas não somos. Então, precisamos de política? Claro. Mas, em última análise, precisamos da política no sentido estrito, que implica o Estado enquanto organização política da sociedade, detendo ele, o Estado, o monopólio da violência, porque não somos éticos. Se todos fossem éticos, no quadro

do cada um fazer-se bem moralmente a si próprio, prestando contas de si e das contas, não seria necessária a política, que ficava reduzida à administração das coisas. As leis seriam justas e todos as cumpririam. Só porque somos egoístas, interesseiros, corruptos e corruptores, é que temos necessidade do Estado para regular e gerir os conflitos. Como escreve o filósofo André Comte-Sponville, se a moral reinasse, não teríamos necessidade de polícia, de tribunais, de forças armadas, de prisões.



Botas
de Van Gogh

Assim, a política não existe directamente para a ética. Mas aí de nós, sem uma conversão ética! Urgência maior é a formação ética, moral, para os valores, que não são redutíveis ao valor do dinheiro divinizado. Sem valores éticos assumidos, remeteremos constantemente para a política, para as leis, para a regulação, para os tribunais, para as prisões... Então, só fica a lei (e aqui há ainda a questão de legislar em causa própria) e a sua sanção, no limite, um Estado totalitário e tirânico, mesmo que sob a aparência de

democracia. Ora, não é possível legislar sobre tudo e, sobretudo, acabaria por ser necessário pôr um polícia junto de cada cidadão, para que cumpra a lei; como os polícias também são humanos, seria preciso pôr um polícia junto de cada polícia e assim sucessivamente... Juvenal disse: "*Custos custodit nos. Quis custodiet ipsos custodes?*" - "A guarda guarda-nos. Quem guardará a guarda?"

Significativamente, o Evangelho, notícia boa e felicitante, quando Jesus ordena: "Fazei obras boas", no original grego está: *kalá érga*, obras belas. Cá está o elo entre a estética e a ética. Mesmo os pais ou os bons educadores, quando querem chamar a atenção para o bem, criticando qualquer coisa que não é moralmente boa os educandos fazerem, não dizem "não faças isso, porque é mal". Dizem antes: "Não faças isso, não é bonito, é feio."

Na conexão entre ética e estética, a Assembleia da República fez bem ter trazido para dentro dela a exposição *Cinquenta Anos a Fazer P.Arte -Palavril*, de António Colaço. Foi uma boa decisão, é bem, uma excelente decisão, bela decisão. António Colaço, "místico" (Jaime Gama *dixit*), ensina-nos a ver o que se vê e, assim, torna-nos melhores.

Pe. ANSELMO BORGES

Diário de Notícias, 07.04.2019

reino da eternidade

É tudo tão absurdo quando me ponho a pensar na distância
que há entre a vida e o sepulcro.

Assusta-me não saber o que há dentro do verbo morrer.

Nem a mim próprio eu peço licença para escrever.

Ando cada vez mais embaçado e deveras denegrido.

Falo sem tom nem som.

Até o silêncio me julga louco.

Já me desenharam e mostraram tantas figuras
ou representações da eternidade.

Com os dias que passam

muitas das imagens escorregam para o caixote do lixo

ou acumulam-se no sótão desfeitas em poeira.

Jesus disse muito pouco acerca da existência
depois da morte.

Quando se referia ao transcendente

parece que só conhecia a palavra Pai.

Não deu grandes explicações acerca do além-mundo.

Se dele tivesse falado com pormenores,

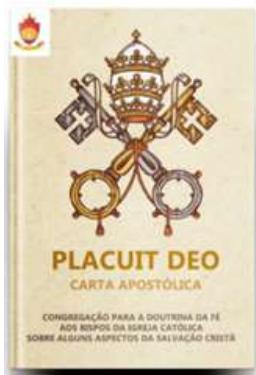
teria reduzido a eternidade ao vulgar.

Jesus falou muito,

isso sim,

desta nossa vida aqui

como Reino da Eternidade.



a carta sustenta que *"Jesus é o Salvador porque 'se humanizou' plenamente"*.

a carta de d. Ladaria: uma Igreja, para quê?

O prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, LUIS F. LADARIA, publicou (22-02-2018) um documento importante sobre o tema capital da “salvação”, que tenta esclarecer “alguns aspetos da salvação cristã”. No fundo, trata-se de uma carta, dirigida aos bispos da Igreja Católica, em resposta a esta pergunta elementar: de que nos salva o cristianismo? O que, afinal, equivale a perguntar: que serventia tem a Igreja, e qual a sua contribuição para este nosso mundo em convulsão?

O cardeal Ladaria recorda-nos, antes de mais, duas limitações inerentes à condição humana. Limitações que, portanto, duma forma ou doutra, estão presentes em todos nós. Trata-se de duas velhas heresias que nos acompanham como constantes da condição humana: por um lado, o “neopelagianismo”, que consiste no projeto de todos os que “pretendem salvar-se a si mesmos”, quando, na realidade, dependemos de tantas outras condicionantes e, sobretudo, da realidade última e transcendente a que nós, crentes, damos o nome de “Deus”.

E, por outro lado, o “neognosticismo”, que é o projeto dos que, apenas, aspiram a “uma salvação meramente interior”, seja lá qual for a origem religiosa de semelhante ideia. E note-se que, nestes dois grupos, há mais gente do que se imagina. Com a agravante de que a maioria dos que andam metidos nestas andanças, nem se dão conta de como seguem pela vida sem rumo. E não é preciso ir mais longe, eu próprio me interrogo: serei porventura um deles?

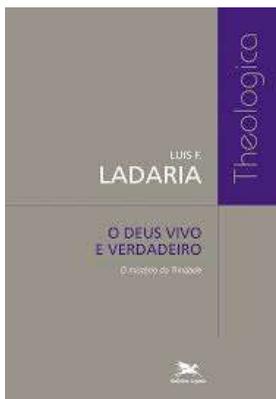
Por outro lado, que todos desejemos – duma maneira ou doutra – algum tipo de salvação, é algo que resulta evidente, por pouco que se reflita nisso. Quer nesta vida (devido ao muito que desejamos e necessitamos), quer após a nossa morte (devido ao muito que sobre essa fase ignoramos), o certo é que todos – pensemos ou não nisso, afirmemo-lo ou neguemo-lo –, absolutamente todos, desejamos e buscamos a salvação. Que resposta dá o cristianismo (a religião, a Igreja...) a esta questão tão fundamental?

É evidente que o cardeal Ladaria, no seu recente documento, nos recorda que Jesus, o Senhor, é o nosso Salvador. Porquê? Como? A resposta que o Santo Ofício nos apresenta, hoje, é clara e eloquente: “Cristo é Salvador porque assumiu, integralmente, a nossa humanidade, e viveu uma vida humana na sua plenitude, em comunhão com o Pai e com os irmãos. A salvação consiste em nos incorporarmos a nós mesmos na sua vida, recebendo o seu Espírito” (n. 11).

Finalmente, se buscamos a salvação (e buscamo-la), a solução e a resposta que a Igreja oferece, hoje em dia, é simplesmente genial, e alinha bem com as nossas mais profundas aspirações: Jesus, o Senhor, é o nosso Salvador porque “assumiu a nossa condição humana”. Ou seja, Jesus é Salvador porque “se humanizou” plenamente. Daí o caminho da Salvação consistir em nos “incorporarmos a nós mesmos na sua vida”. Isto é, salvamo-nos (e contribuímos com a salvação) na medida em que, tal como Jesus, formos plenamente humanos, superando e vencendo tudo quanto possa ser ou representar qualquer forma de desumanização, nas nossas vidas ou nas nossas condutas.

Com razão, o cardeal Ladaria refere, logo no início da sua Carta, estar a escrever sobre a Salvação que a Igreja oferece, “com particular referência ao ensinamento do papa Francisco” (n.1). Onde está o centro deste ensinamento? Não está nos seus atraentes e brilhantes ensinamentos. Nem nas suas decisões organizativas com nomeações que retiram e criam dicastérios, escritórios, cargos, ou em transferências que desencadeiam decisões que se tornam notícia a nível mundial. Não. Nada disso. Ou melhor, em tudo isso, o indispensável.

Então, onde e em quê está a novidade ou a originalidade do “ensinamento do papa Francisco?” Em algo tão simples e tão difícil como isto, em algo tão “original” como a sábia e profunda indicação que o cardeal Ladaria acaba de nos fazer: viver, em plenitude e coerência, a profunda e apelativa humanidade de Jesus, o Senhor.



Quando a Igreja se despojar das suas múltiplas elucubrações estelares, e dos inúmeros ouropéis que apontam para glórias e tronos, em vez de seguir o caminho de Jesus, que teve o seu início entre pobres pastores e acabou entre malfeitores, “como um entre tantos”, quando virmos esse dia, sem dúvida alguma, teremos inaugurado a enorme autoestrada que nos levará, diretamente, à salvação. Obrigado, querido irmão e amigo, Luis F. Ladaria!

JOSÉ MARÍA CASTILLO, em artigo publicado por *Religión Digital*, 06-03-2018.

revivescência

No recanto do jardim
a pedra vazia.

A mulher
e o alvorear do dia.

No recanto do jardim
o pulso da mulher

que procura o amigo
deixado em ferida.

Pelo jardim adentro
a mulher correu

levando os perfumes
e letras da revivescência.

J. Alberto de Oliveira, 15/04/2017

JOSÉ ALBERTO DE OLIVEIRA nasceu em Santo Tirso, em 1945. Coursou Teologia. Franciscano poeta e professor. Legente da intimidade musical. Escreve para, muito simplesmente, apurar a cadência do verso que falta ouvir. Muito cedo, aprendeu a dizer de si para si - «*a conjura da sensibilidade e do pensamento, por vezes, faz de mim um clandestino que não sabe onde está*». A deiscência acontece quando a alma e seus sentidos ficam disponíveis para a liberdade livre. Emblematicamente: «*super foetida flumina*».